Revista Brasileira de Educação em Geografia
www.revistaedugeo.com.br
ISSN 2236-3904

UMA APROXIMAÇÃO DA GEOGRAFIA COM O COTIDIANO DOS ESTUDANTES: de Westeros[1] para o mundo real

Larissa Anjos Santos
lariiianjos@gmail.com

Licenciada em Geografia pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Endereço: Rodovia João Gualberto Soares, 7537. Bairro Rio Vermelho. CEP 88058-300. Florianópolis/SC

Rosa Elisabete Militz Wypyczynski Martins
rosamilitzgeo@gmail.com

Doutora em Geografia e Professora da Universidade do Estado de Santa Catarina - FAED/UDESC. Endereço: Rua João Pio Duarte Silva, 114, ap. 603 A. Bairro Córrego Grande. CEP: 88037-000. Florianópolis/SC

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo divulgar uma atividade desenvolvida no âmbito do PIBID Geografia da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), realizada em sala de aula com estudantes do primeiro ano do ensino médio de uma escola estadual da cidade de Florianópolis, no ano de 2015. A atividade foi proposta por meio de oficina, tendo como recurso didático a série de televisão *Game of Thrones*, destacando o estudo do clima. Buscou-se ressaltar a importância de planejar atividades pedagógicas com conceitos da geografia escolar ligados ao cotidiano dos estudantes, focalizando principalmente na necessidade de desconstruir a visão de que conteúdos primordialmente da geografia física são somente descrição e memorização de conceitos abstratos. Com o desenvolvimento da prática foi possível perceber que o interesse dos estudantes pelo conteúdo aumentou significativamente, comparando as aulas teóricas que foram ministradas precedentemente à atividade.

PALAVRAS-CHAVE

PIBID. Ensino de Geografia. Oficina. Metodologia.

[1] Continente fictício da série Game Of Thrones.

AN APPROACH TO GEOGRAPHY WITH THE DAILY STUDENTS: from Westeros to the real world

ABSTRACT

The present article aims to disclose an activity developed in the PIBID Geography of University of the State of Santa Catarina (UDESC), held in the classroom with students of the first year of high school, a state school in the city of Florianópolis, in the year of 2015. The activity was proposed through pratical activities, having as a didactic resource, the television series Game of Thrones, highlighting the study of the climate. The intend was to emphasize the importance of planning pedagogical activities with concepts of school geography linked to the students' daily life, focusing mainly on the need to deconstruct the view that, basically, contents of physical geography are not only a description and memorization of abstract concepts. With the development of the practice it was possible to perceive that the students' interest in the content increased significantly, comparing the theoretical classes that were given previously to the activity.

KEYWORDS

PIBID. Geography teaching. Workshop. Methodology.

Introdução

A sociedade do século XXI está baseada e alicerçada no acelerado e intenso avanço das tecnologias, o que acarreta modificações no modo de vida da população, tanto de maneira sútil e gradativa, como de forma mais intensa. Se o avanço e a criação desses novos artefatos tecnológicos atingem a população em geral, então a possibilidade de atingir também a escola e a maneira como os sujeitos vivem nesse espaço é alta. Presky (2001) aponta em um de seus artigos que os estudantes que frequentam atualmente a educação básica representam as primeiras gerações que cresceram com esses artefatos tecnológicos, como os celulares, computadores, vídeo games, acesso rápido e descomplicado à internet e outros. Portanto, a relação desses sujeitos com a tecnologia é intrínseca e precisa ser levada em consideração no ambiente escolar.

No cotidiano dos brasileiros, há algumas décadas, o acesso à internet era muito restrito – o que ainda é uma prerrogativa verdadeira, porém em menor escala quando comparado há dez anos, por exemplo – e, com o avanço das próprias tecnologias e com o melhoramento das possibilidades ao acesso a estas, percebemos que a quantidade de brasileiros que utilizam essa ferramenta no cotidiano é muito significativa. Tendo em vista que, segundo dados obtidos no relatório sobre economia digital da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD) e divulgados pela

Empresa Brasil de Comunicação (EBC), o Brasil ocupa o "quarto lugar no ranking mundial de usuários com internet, com 120 milhões de pessoas conectadas" (VALENTE, 2017) e que, em outra pesquisa divulgada pelo mesmo site, "80% da população brasileira entre 9 a 17 anos utiliza a rede" (MELLO, 2016), podemos concluir que a internet e as tecnologias são uma realidade na sociedade e nas instituições de ensino.

A vida e o cotidiano dos estudantes estão intrinsecamente ligados com a sala de aula e com suas formas de aprendizado. Tendo em vista tais mudanças, o professor, como mediador do conhecimento, deve, sempre que possível, atualizar-se, não somente no que diz respeito aos conteúdos, o que é importante, mas também às suas práticas pedagógicas. Acredita-se que uma geografia informativa e quantitativa não desperta mais o interesse dos estudantes e contribui para que muitos expressem falta de interesse no que é trabalhado em sala de aula.

> Deixemos de ser a geografia única dos topônimos – aquela Geografia que apenas dá o nome aos espaços ou que ainda tem seus nomes próprios como mapa, por exemplo – e que passemos a ser a Geografia real, aquela que possa levar aos alunos a uma dimensão crítica e atuante em suas realidades. Mas como? Acreditamos que o primeiro momento é este: conhecer o aluno, o jovem, que está na minha frente! Para depois na Geografia ensinada-aprendida por esses jovens (OLIVEIRA; KAERCHER, 2016, p. 121).

Ouvir os jovens e aprender com eles, como destacam Oliveira e Kaercher (2016), é uma das maneiras de se reinventar como docente. É a partir da relação com nossos estudantes que conhecemos o que "está na moda" e o que pode despertar o interesse nas aulas de Geografia. É com essa aproximação e ouvindo os estudantes que poderemos planejar novas práticas, que realmente motivem e promovam o envolvimento em sala de aula.

Por isso, nosso objetivo neste artigo é relatar uma prática desenvolvida nas atividades do PIBID[2], em uma escola da rede estadual de educação na cidade de Florianópolis. Tal programa incentiva o desenvolvimento de projetos e oficinas que busquem modificar, na medida do possível, o cotidiano na sala de aula, buscando novos rumos para a educação geográfica e fugindo de aulas predominantemente expositivas e com avaliações descritivas.

A oficina realizada buscou trazer o cotidiano dos estudantes para a aula de geografia, partindo de uma realidade muito comum para os estudantes do ensino médio

[2] PIBID- Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.

atualmente, as séries televisivas[3]. *Game of Thrones*[4] (ou Guerra dos Tronos), série utilizada na atividade para compreensão do tema clima, foi escolhida por ser famosa entre o público juvenil e por ser de interesse da autora.

A aproximação da escola com os jovens

A escola, como uma instituição consolidada, tem um papel indispensável no cotidiano e na formação dos jovens, uma vez que estes passam grande parte de sua infância e adolescência, períodos esses de desenvolvimento cognitivo e pessoal, nesta instituição. Contudo, a escola geralmente observa seus estudantes com lentes que não conseguem alcançar a vida juvenil presente no dia a dia da sala de aula, destacando os problemas em comparação as possibilidades, relacionando os adolescentes como estudantes difíceis e sem interesse (CAIERÃO, 2008). Por mais difícil que a fase da adolescência seja, não enxergar o potencial dos estudantes e rotulá-los como desinteressados não contribui para pensar e propor práticas pedagógicas que busque incentivá-los na busca pelos conhecimentos escolares. Sendo assim, a aproximação entre a escola e os jovens possui relevância ao aprendizado e desenvolvimento destes, pois somente quando os estudantes se sentem integrantes das aulas é que conseguem avançar no desenvolvimento cognitivo e, portanto, passam a compreender o porquê e como tais conteúdos e conceitos da geografia estão presentes nas suas vidas.

Em uma pesquisa feita com adolescentes de uma escola estadual de Porto Alegre, Oliveira e Kaercher (2016), por meio de questionários e conversas com estudantes, chegaram a algumas conclusões sobre a relação que tais jovens tinham dispõem acerca da disciplina geografia, sendo elas importantes e somatórias a este trabalho. Quando questionados onde mais, além da sala de aula, é possível aprender geografia, os estudantes responderam em sua maioria que aprendem em documentários de televisão (como National Geographic e Discovery Channel), seguido de vídeo aulas no site YouTube.

A partir de tais constatações realizada pelos autores, notou-se a aproximação dos jovens, em relação aos estudos, com as mídias tecnológicas, porém esta é realizada de

[3] Por mais que sejam transmitidas principalmente em televisões a cabo, a maioria das séries pode ser encontrada em sites, na internet, tanto online como para download, de maneira gratuita.

[4] Esta série é uma adaptação dos livros As Crônicas de Gelo e Fogo, de George R.R. Martin para a televisão americana (HBO). O enredo gira em torno de uma batalha entre sete reinos, localizados no continente Westeros, na época medieval. Desses sete reinos, dois possuem famílias dominantes que lutam pelo controle do Trono de Ferro, cuja posse assegurará sua sobrevivência e o poder político.

forma clichê, ou seja, os estudantes procuram vídeos ou filmes que apresentam o conteúdo geográfico de maneira clara e direta, não buscando a geografia filmes e séries de ficção por exemplo. Partindo dessa análise nos questionamos: por que utilizar somente vídeo aulas no site YouTube? Nessa plataforma encontram-se diversos outros vídeos e filmes, de diferentes perspectivas, que podem ser empregados no processo de aprendizagem, desde uma propaganda, um clipe de uma música, filmes famosos, ou até vídeos diversos. Por que passar um documentário da Discovery Channel sobre clima, se você pode abordar tal conteúdo por uma série de televisão, como Game of Thrones, por exemplo?

Para pensar em uma Geografia escolar que permeie, ao trabalhar os conteúdos programáticos, outras formas de abordagem, temos que, alicerçada na perspectiva de Pimenta (2017), abrir espaço para pensar as geografias cotidianas, que muitas vezes os filmes e séries expressam com outra criatividade/sensibilidade, que difere da nossa linguagem científica. Para isso, a curiosidade e o olhar geográfico podem vir a ser o disparador para abordar os conteúdos científicos de maneira próxima aos estudantes. Observar a geografia presente nos jogos de videogames, nas narrativas de filmes e séries ou as próprias características presentes nessas produções – como os cenários utilizados nas gravações, o período histórico em que sucede a história ou o próprio enredo desta, com suas relações e problematizações – são possibilidades de realizar a aproximação entre o cotidiano tecnológico presente na vida dos estudantes com os conteúdos científicos presente nas escolas.

Relato da atividade

Buscando fugir um pouco das atividades costumeiras de sala de aula, a proposta de trabalhar com a temática sobre clima, no primeiro ano do Ensino Médio de uma escola da rede estadual de ensino de Santa Catarina, localizada na área central da cidade de Florianópolis foi um tanto diferente. Com o desenvolvimento do tema fatores e elementos climáticos através da série de televisão Game of Thrones, foi possível ensinar geografia de um modo diferenciado e se aproximar um pouco do cotidiano e dos interesses dos estudantes.

A geografia física ainda precisa se apoiar em diversos conceitos e teorias para poder se sustentar, contudo não é necessária somente a memorização destes para o aprendizado por parte dos estudantes, muito pelo contrário. Os mesmos precisam sentir-

se parte do conteúdo, precisam notar que ele faz parte da vida. Por conta disso, a prática realizada necessitou de um momento teórico, não mnemônico, onde foram discutidos os conteúdos sobre clima: suas características, definições e distribuição espacial, focalizando os fatores e elementos climáticos, que serviriam como base para a atividade proposta.

Inicialmente – antes de iniciar o conteúdo – foi questionado sobre o conhecimento dos estudantes acerca da série de TV e, se era de interesse de todos que Game of Thrones fosse trabalhado em sala através de uma atividade prática. A maioria dos estudantes conheciam a série, ou por assistirem ou por ter ouvido falar em algum momento da sua vida, mas todos, quando questionados sobre a possível abordagem, aceitaram a proposta de relacionar a série com o tema clima, em sala de aula.

A atividade foi realizada em seis aulas, totalizando três dias. Primeiramente com aula expositiva dialogada sobre os conceitos de clima, sempre tentando relacionar com experiências vividas pelos estudantes ou com seus conhecimentos prévios acerca do assunto. Após as aulas teóricas foram iniciadas as atividades práticas.

Inicialmente foi feita a explicação da série através de imagens. Primeiro utilizando o mapa dos continentes (conforme figura 1) para uma melhor espacialização e contextualização.



Figura 1 – Mapa de Westeros e Essos
Fonte: http://wiki.gameofthronesbr.com/images/3/3d/Map_got.jpg.

Feito isso, foram apresentadas imagens de diferentes personagens vestindo diferentes trajes, como pode ser observado na figura 3. Uma das personagens, representada na foto à esquerda, trajava vestidos com ombros de fora e de tecidos leves, outra, na foto à direita, utilizava um vestido com tecido mais pesado e de manga longa, sobreposto por casaco de pelo e capuz. A intenção destas imagens foi de gerar questionamentos nos estudantes sobre a possível relação entre o local em que essas personagens moram com o clima presente nesse ambiente.



Figura 2 – Imagens de personagens com diferentes vestimentas
Fonte: Imagem da esquerda: https://goo.gl/3QG673. Imagem da direita: https://goo.gl/qBwx2e

Destacamos aqui que, por conta das diferentes estações e de possíveis mudanças climáticas, o clima pode apresentar diferentes características climatográficas durante os anos, ou seja, é preciso enfatizar que o clima não é estático e que pode haver mudanças na temperatura e em outros fatores climáticos de maneira natural no globo. Contudo, por se tratar de uma série fictícia onde os climas são bem definidos e não há mudanças bruscas em suas características climatográficas, foi possível estabelecer a abordagem descrita acima.

Posteriormente, foram exibidas duas vezes a abertura da série[5]. Na primeira, sem interrupção (havendo espaço para comentário após o término) e na segunda, com

[5] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=s7L2PVdrb_8. Acesso em: 27/03/2017

algumas pausas estratégicas que seguiam com alguns questionamentos: "Qual a relação que poderia haver entre o clima e a coloração da imagem?" (no caso, a cena pausada possuía somente tons de branco, sem árvores e somente com uma construção – deduz-se que seria uma área mais gélida) e dentre outras. Tal metodologia produziu bastante debate entre os próprios estudantes, onde todos comentaram sobre suas percepções.

Por fim, foi proposto aos estudantes que se reunissem em duplas[6]. Cada dupla confeccionou os seus próprios continentes, com diferentes climas. Era necessário que levassem em consideração os fatores e elementos climáticos para suas criações e que caracterizassem detalhadamente seus continentes com uma parte escrita, anexa ao mapa, contendo o porquê do nome e do clima em si.

Alguns estudantes utilizaram e inseriram informações partindo dos dados conhecidos do planeta terra, como as zonas tropicais, temperadas e polares, juntamente com algumas formas continentais, que foram por vezes semelhantes às existentes. Em contrapartida, grande parte da turma compreendeu que, por mais que tivessem que usar dados reais, suas criações deveriam conter, preferencialmente, criatividade e imaginação nas confecções. Finalmente cada dupla deveria dar um nome fictício para o desenho de seus continentes.

No total foram organizados 11 mapas. Faremos a seleção de alguns para apresentar neste artigo, que levou em consideração aqueles que possuíam, além da conceituação climática de acordo com o tema, muita criatividade e imaginação na organização do mapa.

[6] Turma com 40 estudantes.

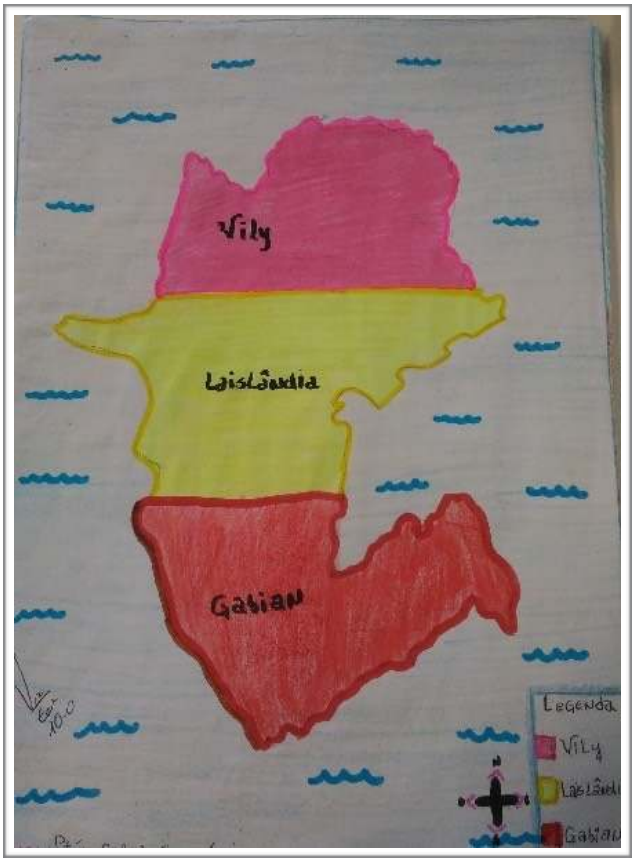


Figura 3 – Mapa confeccionado pelos estudantes
Fonte: arquivo pessoal. Data: 29/03/2017

O continente exposto na figura 3 é dividido em três áreas. As nominações foram escolhidas por possuírem relação com os nomes das estudantes que formavam o grupo. As justificativas dos climas correspondentes a estas áreas foram baseadas nas três regiões climáticas do planeta terra, porém expostas de maneira pessoal por parte do grupo. Segundo as estudantes:

> Gabian é um país muito quente devido à existência de cordilheiras a oeste que limitam a passagem das massas de ar oceânicas, e com isso, as condições de vida não são muito boas. Quanto mais próximo do mar é mais habitado. Há pouca vegetação devido ao ar seco. Laislândia é um país muito chuvoso e frio porque tem muita vegetação e muita presença das massas oceânicas. Há muitos habitantes nessa região devido às condições do tempo. É um ambiente com climas bons para se viver. Como os raios solares são predominantes do sul, há pouca intercessão do sol. Vily é um país muito frio devido a poucas vegetações e recebe poucos raios solares. Poucas pessoas habitam nessa região, pois é muito frio, o que dificulta a vida dos seres vivos. (Depoimento das estudantes em 18/08/2016).

Por mais que em determinados momentos a explicação de algumas características climáticas não sejam tão claras e que haja algumas divergências em relação ao que se tem de concreto sobre a posição do sol, por exemplo, é necessário compreender que foi

solicitado um mundo fictício, sendo assim, por mais que o sol se encontre, nesse mundo, ao sul, ele interfere no clima com a diferença da incidência de raios solares, como acontece no mundo real.

Nota-se a compreensão estabelecida pelos estudantes sobre as relações intrínsecas existentes entre os fatores e os elementos climáticos. Como exemplo, tem-se a citação pelo grupo da existência de uma cordilheira nesse continente que limita a entrada de massas oceânicas e, portanto, deixa o clima mais seco. Outro grupo (figura 4) similarmente relacionou montanhas com a diferença de umidade, contudo acrescentou a continentalidade como fator condicionante do clima. Num trecho extraído como justificativa para o desenho do mapa, foi descrito: "O deserto fica bem no meio do continente. É um lugar onde não tem umidade, não tem muita vegetação e ninguém vive lá, só escorpiões [...]. A área quente fica no meio do continente e é quente, porém não muito úmida, pois as montanhas Candy não deixam que passem as nuvens com chuva, por serem muito altas.".

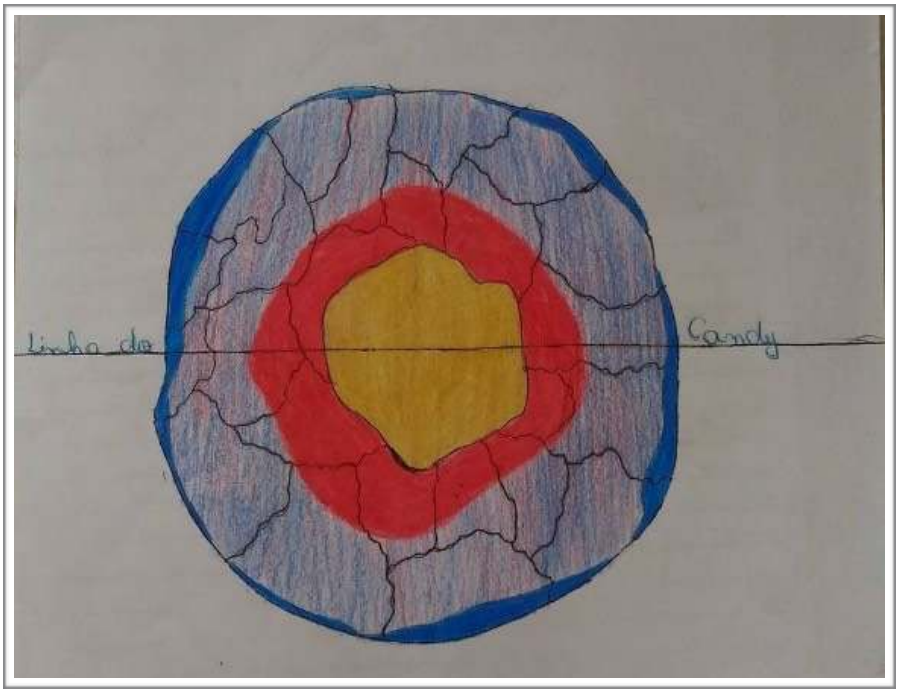


Figura 4 – Mapa do continente "roscolândia"
Fonte: Arquivo pessoal da autora. Data: 29/03/2017

Além de análises e relações entre fatores e elementos climáticos, semelhantes ao mapa anterior, nota-se que os estudantes se preocuparam com algumas representações cartográficas. Na figura 5 encontra-se uma parte do mundo, e nele é possível perceber a presença de outros continentes, além do principal, intitulado Salto 15. Como uma linha

que divide o continente, chamada de linha de Lesa, a presença de legendas (representadas anexas na explicação) e a pintura com graduação de cores, onde os tons de laranja representam áreas mais quentes e o azul, as mais frias.

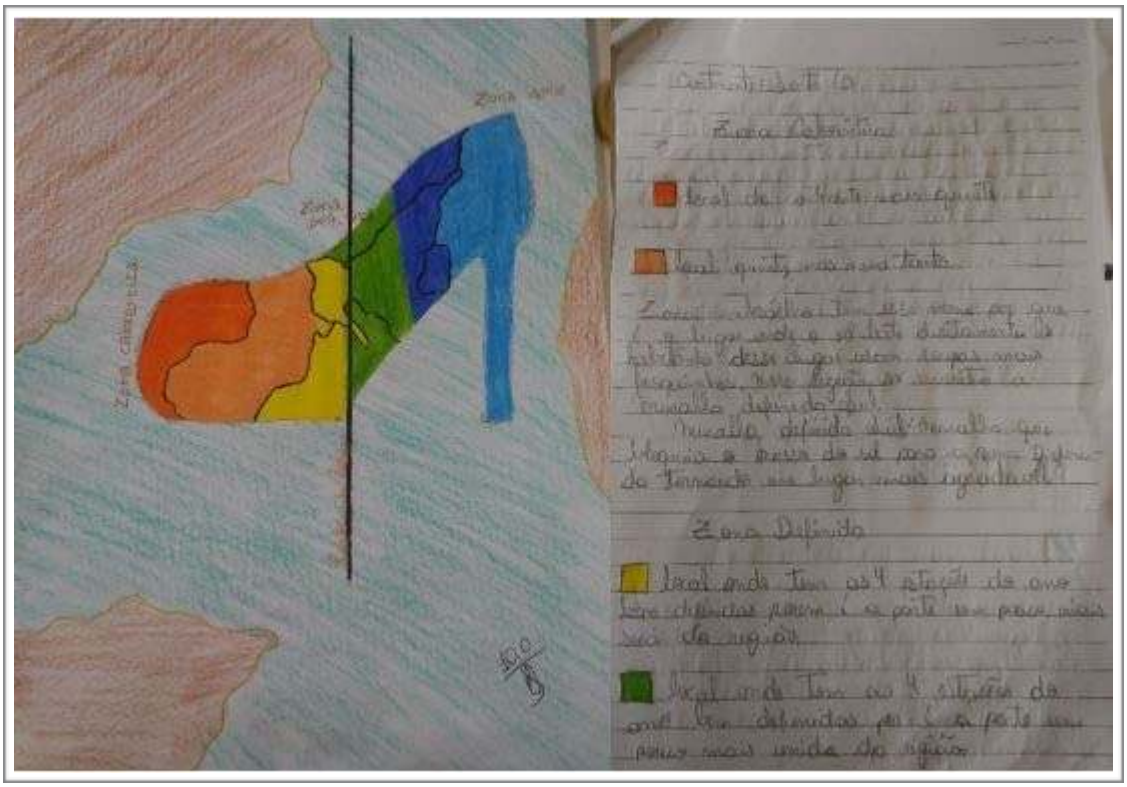


Figura 5 – Mapa e anexo explicativo produzido pelos estudantes
Fonte: Arquivo pessoal da autora. Data: 29/03/2017

Muitos grupos relacionaram as características climáticas com o modo de vida da população residente e com as formas de economia. Segundo os relatos, alguns relacionaram o clima com o humor das pessoas. Invariavelmente, os climas mais quentes ou brandos possuíam pessoas mais bem-humoradas, em contrapartida, os climas mais frios habitavam as pessoas mais mal-humoradas. Destaca-se a justificativa de um dos grupos: "O povo daquela parte do continente é super bem-humorado e feliz com a vida, por sempre aquela área ser quente e agradável". Na descrição do continente Sagavi, a relação entre o clima e a agricultura é algo considerável. Segundo os relatos deste grupo, para descrever uma das áreas climáticas deste continente "a zona tropical é uma área habitável. Não é tão quente e nem tão fria, é uma área úmida devido às correntes marítimas. É uma área propícia para a agricultura, porque tem a temperatura bem variável".

Tendo em vista as características climáticas associadas aos modos de vida dos habitantes, um dos trabalhos relacionou a condição climática com a localização das camadas sociais da população. A área mais quente e úmida do continente, estado chamado pelo grupo de Tontondaré, habitava a população mais rica e famosa do continente. Em contrapartida, o estado de Tunarin, que era mais seco devido à dificuldade de deslocamento das nuvens de chuva, era habitado pelas camadas mais pobres do continente. Tais constatações são relevantes a ponto de relevar um possível estereótipo que alguns estudantes possuem acerca das condições socioeconômicas da população relacionada as condições favoráveis ou não do clima de uma determinada região.

Considerações finais

A geografia escolar é um tanto complexa para os estudantes. Portanto, ensiná-la nas escolas não pode ser um processo de formação de "mini geógrafos", deve ser um processo de formação de cidadãos e cidadãs conscientes que conheçam a sociedade que vivem. É necessário que os estudantes compreendam e percebam a geografia no seu dia a dia. Muito mais que tornar um aluno crítico socialmente, a geografia tem o potencial de gerar cidadãos que entendam o que acontece no seu cotidiano.

Ensinar geografia através de conceitos e teorias desconectadas, sem relação com a vida, nunca irá produzir significado e/ou será compreendido por parte dos estudantes. Não somente perceber a geografia no seu dia a dia, mas também a reconhecê-la nos filmes, revistas e desenhos, é uma das diversas formas de fazer com que os adolescentes sintam-se contemplados pela ciência geográfica e desmistifiquem o antigo senso comum de que geografia é somente decorar conceitos e capitais.

Trabalhar com o conteúdo/conceito de clima através de uma série de TV, foi fundamental para despertar o interesse dos estudantes. Percebeu-se que, quando é trabalhado em sala de aula com uma temática de interesse dos estudantes, a vontade de aprender aumenta e a dedicação à atividade se torna muito mais efetiva do que com atividades ligadas diretamente e somente a textos retirados do livro didático ou quaisquer outras avaliações tradicionais.

Referências Bibliográficas

CAIERÃO, Iara Salete. **Jovens e escola: trajetórias, sentidos e significados:** um estudo em escolas públicas de Ensino Médio. 2008. 355 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

MELLO, Daniel. Pesquisa: 80% da população brasileira entre 9 e 17 anos usam a internet. **EBC Agência Brasil**, 2016. Disponível em: http://agenciabrasil.ebc.com.br/pesquisa-e-inovacao/noticia/2016-10/pesquisa-80-da-populacao-brasileira-entre-9-e-17-anos-usam. Acesso em: 01/12/2017

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel; KAERCHER, Nestor André. O jovem contemporâneo e a geografia escolar: Tão perto e tão longe. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos et al. **Movimentos para ensinar geografia:** oscilações. Porto Alegre: Letra 1, 2016. Cap. 7. p. 10-311.

PIMENTA, Thiago Albano de Sousa. "O Banheiro do Papa" e as Geografias Possíveis de Serem Ensinadas. In: V Colóquio Internacional "A Educação pelas Imagens e suas Geografias" e SVII Simpósio de Geografia da UDESC. 2017. **Anais...** Florianópolis, 2017. n.p. Disponível em <http://www.geoimagens.net/#!__anaiscieig/floripa> Acesso em: 01/12/2017

PRENSKY, Marc. **Nativos digitais, imigrantes digitais**. NCB University Press, Vol. 9, No. 5. Outubro de 2001.

VALENTE, Jonas. Relatório aponta Brasil como quarto país em número de usuários de internet. **EBC Agência Brasil**, 2017. Disponível em: http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-10/relatorio-aponta-brasil-como-quarto-pais-em-numero-de-usuarios-de-internet. Acesso em: 01/12/2017

Recebido em 21 de abril de 2017.

Aceito para publicação em 03 de janeiro de 2018.